

ESPIRITUALIDADE: SUPORTE ÉTICO PARA A PARRESÍA E A RESILIÊNCIA NOS ESPAÇOS DE PODER EXISTENCIAL DOS IDOSOS

SPIRITUALITY: ETHICAL SUPPORT FOR PARRESÍA AND RESILIENCE IN THE AREAS OF EXISTENTIAL POWER OF THE ELDERLY

Maria Suênia de Medeiros Gomes¹

RESUMO

A teoria foucaultiana, no estudo dos critérios éticos para o bem viver, nomeia o termo parresía para destacar aspectos que representam o cuidar de si, a honestidade consigo próprio (a), e o buscar a sua verdade no enfrentamento do diálogo respeitoso consigo e com as pessoas com as quais você possui laços afetivos. Simbolicamente, o termo parresía pode ser incorporado ao segmento populacional de idosos. Esse artigo tem como objetivo discutir temáticas que possam transpassar de forma interdisciplinar as áreas do envelhecimento que experimentam inúmeras possibilidades criativas, com a filosofia, ética, espiritualidade, artes, psicologia, psicanálise e outras ciências, e assim criar protagonismo e autonomia na subjetividade dos idosos, para que eles possam resistirem as pressões sociais que lhes são imputadas, estimulando-os a sonharem e a lutarem pela sua felicidade. Nessa perspectiva de empoderamento e auto fortalecimento do idoso, perpassa também o desenvolvimento da resiliência, como sendo um vetor que ameniza a vulnerabilidade existencial, além de estimular a coragem da autoaceitação para exterminar o comportamento destrutivo de se negligenciar.

Palavras-chave: Espiritualidade. Ética. Resiliência.

¹ Maria Suênia de Medeiros Gomes é Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Psicologia pelo UniCEUB. Possui Especialização em Desenvolvimento Sustentável e Direito Ambiental pela UNB, e Especialização em Saúde do Idoso pela Universidade Estácio de Sá. É licenciada em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba e graduada em Psicologia pelo CEUB. Servidora Pública do Governo do Distrito Federal, aposentada na função de Gestora em Políticas Públicas e Gestão Governamental - Especialidade - Psicologia. E-mail sueniaster@gmail.com

ABSTRACT

The Foucauldian theory, in the study of ethical criteria for good living, coins the term *parresía* to highlight aspects that represent self-care, self-honesty, and seeking one's truth by fair debating with oneself and the ones with whom you have affection ties. Symbolically, the term *parresía* may be incorporated into the elderly's population segment. This article's main goal is to discuss themes that can transmit, in an interdisciplinary way, the aging areas that pass through numerous creative possibilities, such as philosophy, ethics, spirituality, arts, psychology, psychoanalysis, and other sciences, and hence allow protagonism and autonomy in the subjectivity of the elderly so that they shall be able to resist the social pressures impelled on them, encouraging them to dream and fight for happiness. From this perspective of empowerment and self-empowerment of the elderly, the development of resilience is also shown as a vector that softens existential vulnerability, besides stimulating the courage of self-acceptance to annihilate the destructive behavior of neglecting.

Keywords: Spirituality. Ethics. Resilience.

1 INTRODUÇÃO

Goldenberg (2016), identifica nas suas contribuições acadêmicas, o aumento do número de pessoas com mais de sessenta anos de idade em nosso país. A autora afirma que os idosos foi a categoria social que mais cresceu. Inspira-se em Martin Luther King para discursar: "Eu tenho um sonho de que um dia o velho será considerado lindo e que todos nós poderemos viver em uma nação em que as pessoas não serão julgadas pelas rugas de sua pele, e sim pela beleza do seu caráter" (p.7).

A autora apresenta um atual perfil do idoso, no qual, na sua estética, ele se sente lindo e com possibilidades de escolher caminhos de saúde e felicidade, optando por palavras construtivas e por contribuir também pelo seu próprio bem. Ele é comprometido com a sua autonomia, sente-se útil a si e a sociedade, busca qualidade de vida, independência, vitalidade, sexualidade, usa a sua criatividade para criar atividades saudáveis, sente prazer em aproveitar e viver bem os seus

momentos existenciais, caracterizando-se assim, uma mudança estética na percepção ideológica de sempre imaginar o idoso doente, e também existencial, pois a autora descreve sobre o aumento da longevidade.

O Papa Francisco (FRANCISCO, 2017), relatou que nem sempre o idoso tem uma família para acolhê-lo. Cortella (2017) escreveu que “a burguesia não sabe nem o que fazer com os seus pais idosos. Em vez de abrigá-los em sua moradia, paga alguém para cuidar deles em uma casa de saúde”, em contrapartida, os mais pobres estão sempre criando estratégias para uma vida melhor em comunidade e assim morrer em paz.

A violência contra o idoso pode ser observada nas ruas, quando escutamos na fila da loteria o seguinte relato: “não tenho mais voz; estou sendo oprimida pela minha família dentro de casa, pois não posso escolher a crença religiosa que faz o meu coração se aquietar, porque isso iria desagradá-los e eu estaria correndo o risco de ficar sozinha...”. Pergunta-se, será que essa idosa já não está sozinha e desamparada?

Bauman (1997) escreveu sobre a solidão do sujeito moral, sobre suas noites indormidas e dias cheios de autodepreciação. Alves (2014a) postula que “a verdade do universo está no coração dos homens, no lugar dos seus sonhos”, o que introduz o dilema de alguns idosos que se queixam de não saberem mais o que é sonhar.

Franco (2019) insere a temática de Jung de que “o idoso que recusa a envelhecer sofre da mesma incapacidade psicológica do jovem que não quer assumir a vida adulta” (p. 273). Assim, o autor observa que alguns idosos possuem dificuldade em confrontar as suas imagens interiores, o que lhe revelaria o caráter, e talvez, esse auto encontro fosse doloroso, por isso que alguns fazem opção pelos disfarces, e em esconder os seus erros.

Toniol (2015) pontua que espiritualidade não é só sinônimo de religião, e acopla esse conceito a técnicas de saúde, o que poderá imbricar na possibilidade de que conhecer caminhos espirituais e éticos poderá ser fundamental para ajudar os idosos a obterem resiliência na velhice, e saírem de um contexto social de opressão e desassossego. Ou seja, o ato de refletir sobre o conceito de espiritualidade, nesse segmento populacional, pode representar, simbolicamente, uma justaposição das esculturas quebradas encontradas no lixo, que são transformadas pelas mãos dos artesãos, em que transfiguram e criam o belo, pois também somos capazes de fazer

isso com a nossa própria vida. Ressuscitar sonhos e projetos, transformar a nossa vida numa obra de arte, pois a imaginação e a criatividade humana podem propiciar o reaproveitamento dos resíduos urbanos das madeiras, o que demonstra que podemos nos ressignificar e nos reconstruir.

A influência positiva das artes na nossa vida, e nos nossos sentimentos, é inegável. Paiva (2015) considera que toda obra de arte “tem sua singularidade e originalidade e está inserida num meio significativo específico e cultural” (p. 199). Assim, quando observamos um quadro que retrata a natureza, na mesma hora nos reportamos aquele lugar que acalenta e conforta a nossa alma. A arte tem esse poder, de nos transformar, de penetrar na nossa memória, de nos sensibilizar, de trazer paz e alegria para a nossa vida. Assim, ela pode ser símbolo de mudança nas nossas atitudes, pois se estávamos sentindo irritação podemos nos acalmar.

Hock (2010) ao explorar a ciência da religião, aponta que ela também lida com fontes não verbais como a música e a arte, pois os signos fazem parte da estética da religião, e representam sinais que remetem a algo além de si, com características de um sistema de valores. Encontra-se nesse aspecto, segundo o autor, uma diversidade de disciplinas voltadas para a percepção, e aos signos, como a história da arte, filosofia, psicologia e antropologia, dentre outras. Hock (2010), reportar-se as contribuições da “compreensão simbólica da cultura de Clifford Geertz, à antropologia simbólica de Victor Turner ou ao estruturalismo genético de Pierre Bourdieu por meio do qual se analisa as formas simbólicas da sociedade como um sistema de atividades sensíveis” (p. 193). Bourdieu (1997) ocupa uma posição primordial nesse campo de estudo, ao enfatizar que “constrói-se o objeto de acordo com as categorias de percepção do receptor” (p. 63).

Dentro dessa linha de pensamento, observa-se outros frutos que a arte proporciona que são a harmonização e a educação, pois o consumismo exagerado tem feito seus estragos na nossa comunidade. O vídeo *lowsumerism* (baixo consumismo) faz uma análise espiritual, segundo o budismo, que propaga que o apego é fonte de sofrimento. Ele fala sobre uma nova conscientização, sobre a compulsão pelo consumo, que poderá levar a padrões de autodestruição, pois algumas pessoas se deixam iludir pela propaganda das “promoções”, pelo exibir-se e comprar excessivamente para se sentir socialmente incluído. Em contrapartida, segundo o vídeo, os habitantes do nosso planeta estão fazendo da terra um grande

shopping center, é preciso haver uma mudança, pois precisamos sobreviver (THE RISE OF LOWSUMERISM, 2015?).

Leloup (2018) considera a ética como o:

[...]cuidar do ser em si mesmo - acolhê-lo- contemplá-lo - respeitá-lo; é também o cuidar do ser nos outros: escutá-lo, e se for necessário: orientá-lo - curá-lo - deixá-lo desabrochar... Viver o máximo possível na simplicidade, na beleza (alimento, vestimenta, moradia...) e permanecer livre em relação ao acúmulo de bens, de saberes e poderes que podem nos afastar do ser. (p. 170).

Resumidamente, o pensamento de Leloup sumariza o viver de forma simples. Assim, esses valores são intercambiáveis, pois tudo se relaciona, e nos ensinam que podemos ser protagonistas de nossas histórias, e nos reciclarmos, como disse Cruz (2005) “Se a pintura é uma janela para o mundo (real, imaginário, inventivo), abrir essa janela significa agir no mundo de algum modo. É possível então criar novos paradigmas com esse ato?” Acredita-se que a arte tem potencial para isso, e essa resignificação também pode ser feita pelos idosos, pois ao mudarem o seu mundo interno também podem reinventar o externo, para tornarem a sua vida uma obra de arte.

Fóz (2019), coloca de forma corajosa o termo resiliência como representante da capacidade de enfrentar uma situação adversa e sair fortalecido dela. Nesse sentido, “adoecer de maneira severa e se recuperar; passar por uma mudança de cidade, de emprego, mas se adaptar, reconhecendo e transformando as experiências em ganhos, podem ser exemplos de resiliência” (p. 101).

Foucault (2011) postula sobre a questão da verdade, e pontua que “parresía consiste em dizer a verdade, sem dissimulação nem reserva nem cláusula de estilo em ornamento teórico que possa cifrá-la ou mascará-la. O “dizer tudo” é nesse momento dizer a verdade sem dela nada esconder, sem escondê-la com o que quer que seja” (p.11). O autor também adentra sobre os tipos de discursos que tentaram dizer a verdade sobre o sujeito louco, que não era escutado, o que poderá servir de parâmetro nas investigações sobre os idosos, pois encontra-se queixas de que as pessoas não lhes dão atenção.

Assim, fazendo eco ao pensamento de Foucault (2011) sobre parresía, é de bom alvitre dizer ao idoso que é necessário aprender a cuidar de si. Espera-se que

os conceitos dos autores supramencionados possam criar articulações de inteligibilidade e resiliência para essa faixa etária em estudo.

2 OBJETIVO

Esse artigo tem como objetivo discutir temáticas que possam transpassar, de forma interdisciplinar, as áreas do envelhecimento, que experimentam inúmeras possibilidades criativas, com a filosofia, ética, espiritualidade, psicologia, psicanálise e outras ciências, e, assim, criar protagonismo, resiliência e autonomia na subjetividade dos idosos, para que eles possam resistirem as pressões sociais que lhes são imputadas, estimulando-os a lutarem pela sua felicidade.

3 DISCUSSÃO

Hack e Loureiro (2010), percebem o idoso, atualmente, como sujeito de si, que se ocupa em:

[...] modelar, direcionar e dizer qual o espaço que deseja ocupar, quais as condições para algumas transposições de dificuldades, as coisas que ainda deve aceitar ou descartar e as formas de vida que deverá eleger como prioridade para viver melhor o seu tempo. (p.111).

Conforme os autores, os idosos, componentes do seu campo de estudo, vieram de outras localidades para construir Brasília, trazendo na mala luta, e tiveram que lutar com muito trabalho pelo seu espaço, e ter força para reagir aos perigos circunstanciais de uma nova localidade. Esses idosos, de acordo com os autores, são criadores de sonhos, pois “Deus que é mais antigo, continua criando” (p.128).

Toniol (2015) constatou que a relação do sagrado com as pessoas, em suas diferenciadas configurações, também podem ser uma fonte de bem-estar. Considera-se também, segundo o autor, que nesse acoplamento com o divino, o importante é você ouvir-se, independentemente da forma de conexão, que além da religião, também pode ser por exemplo, através das terapias alternativas. Ou seja, para ele, essa relação do sujeito com a espiritualidade trás equilíbrio emocional e serenidade.

Nas disposições estruturais das sociedades modernas, conforme Berger e Luckmann (2012), observa-se as características de um pluralismo “em que os muros

protetores em torno às reservas de sentido das comunidades de vida (muro da Lei) já não podem ser mantidos sem brechas” (p. 80). Essas questões também podem ser observadas em Marques (2013) no estudo do ensino superior aplicado ao conceito de espiritualidade, em que pode observar o interesse de alunos e professores, possivelmente, segundo a autora, pela possibilidade de delinear comportamentos éticos e justiça social.

Segundo Marques (2013), na “cultura brasileira, de uma forma geral, existe uma diversidade de opções de seitas, grupos de autoajuda, práticas alternativas e caminhos esotéricos” (p. 223). Ou seja, os valores e propósitos se ampliam em vários campos, abordando os relacionamentos humanos, que se fazem presentes em várias conexões. Nesse sentido, a espiritualidade, pode ser feita, também, através de uma meditação, ao contemplar as árvores, participar de uma atividade como *yoga*, ao participar do grupo de alcóolicos anônimos e pedir a um poder superior que ajude a evitar o comportamento compulsivo de beber. Refere-se a escolhas positivas, sentido de vida, valores éticos e atitudes significativas.

Assim, o conceito de espiritualidade, em seus discursos religiosos tradicionais, é ampliado para reconhecer a pluralidade de coisas sagradas, que se faz presente também na antropologia Bastidiana, em seu ecumenismo epistemológico e nas suas interpretações culturais, conforme estudo de Mary (2015), que observa a fecundidade dos modelos de inteligibilidade um “caráter estenográfico que lhes permite ocultar uma pluralidade aberta de esquemas operadores de inteligibilidade” (p 143). Nunes (2015) acrescenta também a Terapia de Vidas Passadas (TVP), segundo o autor, “A TVP é considerada como uma prática terapêutica alternativa complementar” (p.146).

Essas reflexões destacam que o desenvolvimento da saúde psicológica passa também pelo campo da espiritualidade, da arte, da filosofia, da ética, pois, verifica-se, conforme exemplificado por Amatuzzi (2005), que “quem cultiva a dimensão espiritual do ser não pactua com o que é injusto e violento” (p. 107). Tutu (2012) aponta que “a mentira, a injustiça, a opressão - nada disso jamais prevalecerá neste mundo de Deus” (p.125). Ele também nos exorta a refletir sobre qual é o tratamento que nós dispensamos as pessoas vulneráveis, aos que não tem voz. De acordo com Culliford (2015), quando honramos impulsos dignos, como o de “fazer compras para

um vizinho idoso incapacitado, desenvolver amizades estáveis e a compaixão ou estudar filosofia” (p. 268), também estamos fazendo práticas espirituais.

No seu olhar sobre a espiritualidade, Aquino (2017), reprova a definição de que “a verdade é aquilo que é visto, porque, então, as pedras, ocultas no mais profundo da terra, não seriam verdadeiras pedras, porque não se veem” (p. 243). Pode-se considerar, ao integrar esse estudo da verdade, com a situação atual dos idosos no Brasil, que, em seus discursos, falam para os médicos, psicólogos, psicanalistas e demais profissionais da área de saúde, que eles precisam ressignificar seus discursos sobre sexualidade e motivação, uma vez que a visão de que os idosos frágeis e doentes não mais tem lugar. Os profissionais de saúde, que estão examinando essa população, também criam novas observações ao constatarem que a realidade dos idosos é outra. Assim, a teoria foucaultiana com o termo parresía se conecta ao universo dos idosos, estimulando a coragem de desfazer conceitos e crenças.

Alves (2014b) especifica esse estágio da vida de seguinte forma:

[...] pense no que você faria se lhe fosse dito que lhe restam três meses de vida. Depois do pânico inicial, suas rotinas diárias... os rancores... os ressentimentos... tudo isso encolheria até quase desaparecer. E o presente ganharia uma presença que nunca teve antes... talvez você até criasse coragem para tirar os sapatos e entrar na água... que importaria o espanto das pessoas sólidas? (p.124).

A mensagem aos idosos é simples: coragem!

Outro pensamento sobre as virtudes espirituais é o de Chardin (1986) que defende a ideia de que espiritualidade é para quem presta atenção a sua voz interior, o que poderá implicar no fato da pessoa tornar-se mais verdadeira, e, aberta ao sagrado, que pode estar na natureza, nos sentimentos de amor, paz, compaixão e solidariedade encontrados em todas as práticas espirituais.

Bunyan (2019), considera que “nas palavras da verdade dos evangelhos deveis superar muitas tribulações para entrar no Reino dos Céus” (p.123). De acordo com Keller (2016), ser perseguido, enfrentar a dor e a morte torna-se suportável quando se tem esperança. Ele realiza uma síntese sobre os primeiros séculos em que os cristãos foram violentamente açoitados, pois:

[...] alguns viram suas casas lhes serem tomadas e saqueadas, enquanto outros foram jogados na arena para serem despedaçados por animais

selvagens diante da multidão. Muitos foram amarrados a estacas e, ainda vivos, eram cobertos de piche e, então, incendiados. (p. 333).

Entretanto, para eles, “o novo céu e a nova terra se aproximavam” e isso os encorajavam a tolerar os desgostos e as decepções, pois eles acreditavam na vida eterna. Ainda hoje, para Keller (2016), essa certeza faz com que muitos não se deixem aniquilar pelas difíceis experiências existenciais e, também, pela crença de que nenhum injusto sairá impune. A esperança da Nova Jerusalém também nos ajuda nos nossos problemas atuais, pois o ensinamento de Jesus é o de que as piores coisas serão transformadas nas melhores. Assim, a conclusão de Keller (2016) é a de que “quando o sofrimento e a dor nos afligem, acabamos percebendo que não estamos no controle de nossa vida, nem nunca estivemos”. Para concluir essa linha de pensamento, Lewis (2017) considera notório que “pela fé, acreditamos sempre no que esperamos ver no futuro” (p. 223).

Terra e Dornelles (2002) consideram que a espiritualidade “está relacionada ao profundo sentimento de pertença ao universo... É um sentimento de conexão com uma ordem superior, sendo percebida de forma diferente para cada pessoa”. Assim, a espiritualidade postula-se a teoria quântica, em que todas as redes e sistemas estão em comunicação, em diálogo relacional.

Passos e Usarski (2013) descrevem sobre o sentido da existência, relacionando a espiritualidade com a psicologia em suas consonâncias, pois de acordo com os autores, “no aprimoramento do potencial humano, os valores morais do sujeito em seus questionamentos centrais acerca de bondade, justiça, pecado, erro, vergonha, virtude, dentre outros perpassa pelas emoções humanas” (p. 404). Outro pesquisador que considera que os sentidos e emoções interiores influenciam na percepção humana é Hock (2010), segundo ele, os estímulos das práticas meditativas, os movimentos alternados na oração de se ajoelhar, ficar em pé, sentar-se, a postura de lótus na *yoga*, as formas festivas de danças religiosas, os incensos nas missas, as cores nos altares, todos esses procedimentos, processam informações que estimulam o psiquismo humano, pois o mundo externo interage com o mundo interno.

Outro conceito que está em conexão com a espiritualidade é a resiliência, a perseverança para nunca desistir. Graham (2018) qualifica como exemplo desse

conceito, Louis Zamperini, que foi prisioneiro da segunda Guerra mundial, e teve um acidente aéreo, em que:

Ficou à deriva em uma balsa salva-vidas durante 47 dias, até que foi capturado pelos japoneses. Ele passou vinte meses em um campo de prisioneiros japonês, sofrendo tortura física e psicológica. Após ter sido resgatado, voltou para Califórnia como herói, apenas para ser vítima de outro inimigo, o álcool. (p. 18).

Louis Zamperini conseguiu superar o alcoolismo, além de ajudar a muitas pessoas a fazerem o mesmo. Graham (2018) também ousou falar um pouco de si mesmo, e escreveu sobre a sua luta contra a doença de Parkinson, no qual ele aprendeu que precisava deixar de ser tão exigente consigo mesmo. Além disso, ele sempre defendia sobre o poder da esperança, e o quanto ela é capaz de penetrar em qualquer escuridão. Ele também afirmava sobre “a certeza de que existe vida após a morte” (p.11).

Resiliência, espiritualidade, podem ser buscados e podem ser guiados por princípios éticos. Palmer (2001) cita uma carta de Freud, de 06 de maio de 1926, em que ele faz a seguinte afirmação: “sempre fui um descrente, tendo sido criado sem religião, mas não sem respeito pelas chamadas exigências éticas da civilização humana” (p. 15). Segundo Palmer (2001), o fato de Freud ser descendente de judeus fez com que ele se intitulasse como sendo o primeiro advogado da psicanálise, pois ele acreditava que o inconsciente determina os impulsos e ações conscientes.

O fato de ser judeu, também o ajudava a saber lidar com uma oposição solitária, a qual os judeus estavam acostumados. Nesse sentido, a sua descendência judia fez com que ele tivesse uma firme adesão aos elevados padrões morais e valores familiares, uma tenacidade diante da perseguição, além de uma preocupação com a justiça social. Nessa conjunção de perspectiva, Palmer (2001) considera que Freud valorizava a independência de pensamento e a coragem intelectual judaicas.

Cortella (2019) disserta sobre a importância dos princípios e valores na vida coletiva. Segundo ele, é um assunto que se dá no plural, pois ninguém vive isolado, e cita também uma frase do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) “Tudo o que não puder contar como fez, não faça”. Referindo-se para a gente não fazer coisas que nos envergonhem, que machuquem e causem danos a dignidade do

próximo. Cortella (2019) afirma que “ética não é cosmética! Ética não é fachada, mera maquiagem que esconde imperfeições. Ética é acima de tudo, a maneira na qual decidimos proteger ou desproteger a decência da vida coletiva” (p. 80). É escolher cuidar e incluir a nossa casa humana.

Boff (2013), enriquece a ética com uma reflexão cristã de Tomás de Aquino, asseverando que “acima da justiça está o amor à humanidade e a todos os seres. O amor ao próximo é a regra de ouro” (p. 125). De acordo com o autor, essa é a justiça maior de que fala Jesus. Wolf (2016) compreende que “a consciência ética é uma consciência comunitária, que age em função do bem comum. Nada mais contraditório à experiência espiritual do que o egoísmo, o orgulho, a ganância, bases do individualismo” (p.174). O enfoque de Geisler (2010) é o de que:

[...] o ponto de vista cristão acerca do fundamento da conduta moral é uma forma essencialista da perspectiva do mandamento divino. Deus determina que algo é bom, porque a bondade disso está de acordo com a própria natureza divina, imutavelmente boa” (p. 141).

Vaz (2000) alinha-se a ideia de que o objeto da ética é “a realidade histórico-social do *ethos*” (p. 95), assim, além da dimensão da subjetividade humana, a ética também tem um ângulo objetivo.

As discussões de Evans e Reid (2016), no tema resiliência, se desdobram em dar um novo significado a questão política, e também em não reduzir ao sentimento moral, naquilo que tem valor. Eles abordam a provocação de Nietzsche sobre como converter a vida em uma obra de arte, e argumentam que acolher o poético e o estético é redescobrir o poder criativo da transformação, que “outorga a vida a possibilidade política de que suas qualidades estéticas tenham um potencial afirmativo e de resistência para desafiar imagens dogmáticas de pensamento” (p.216).

Assim, os autores se articulam ao pensamento de Foucault, ao afirmar que a história do ser humano está sempre em construção, e que a estética da existência não é só embelezamento, existem modos alternativos de existência, e que é possível enfrentar a modernidade com criatividade. Além disso, Evans e Reid (2016) mencionaram que existe “Algo que se forma com o tempo e também algo atemporal, e o que o separa um do outro é a tarefa daqueles que sabem como amar” (p.217).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se pesquisar os idosos na sociedade contemporânea, observa-se que no mercado moderno existem várias opções. Alguns escolhem apostar no antienvelhecimento e se concentram em fazer inúmeras cirurgias plásticas, abraçando a liquidez moderna com altos empréstimos bancários, exacerbadas viagens turísticas e inúmeras compras de produtos em farmácias objetivando a pílula da juventude eterna.

Entretanto, outros idosos buscam reconfigurar a sua beleza interior para aprenderem a ser resilientes e corajosos para enfrentarem o preconceito, a rejeição e a discriminação, que acontece por participarem de práticas espirituais, não aceitas por seus familiares, mas que lhe trazem uma melhor qualidade de vida. Eles não estão mais escondendo essas situações e sim denunciando-as, pois decidiram não se calarem, e sim falarem a verdade.

Nesse sentido, eles se articulam ao pensamento foucaultiano, visto que, ao verem de perto alguns amigos que se suicidaram por autonegligência, decidiram cuidar bem de si próprios. Reconhecem a sua responsabilidade no tocante a justiça social, os comportamentos dignos que desenvolveram e a troca de aprovação dos outros pela paz de sua própria consciência. Aceitam as suas limitações e perdas profissionais, físicas e financeiras, tentam se perdoar pelos seus erros, e buscam as qualidades poéticas da existência.

Esses idosos já não têm obsessão pelo poder, não pensam em exhibir-se em superioridade intelectual, não buscam a fama nem a autoglorificação, nem vivem egoisticamente centrados no seu próprio bem-estar, mas, são solidários com as necessidades dos outros, sabem criar coisas boas para si e para os outros, buscam ler livros sobre ética, e em construir-se de forma positiva. Fabricam algo mais que o seu desenvolvimento histórico, sabem que a lógica da existência não pode ser explicada e aceitam a sua vulnerabilidade, pois sabem que não possuem o controle sobre os dias que ainda lhe restam.

Observa-se o resgate do valor social do idoso, e que eles estão aproveitando as suas experiências emocionais para adquirirem autonomia e fortalecerem a sua autoestima com valores de solidariedade, com amizades sólidas, verdadeiras e sinceras. Ou seja, eles constroem laços afetivos duradouros e estáveis que lhe

trazem proteção e segurança. Sob este aspecto, vão criando novos projetos, revisam a si mesmos para se tornarem melhor e ampliam os seus conceitos sobre as práticas espirituais.

Para concluir, espera-se que esse diálogo da ética com a estética, resiliência e espiritualidade seja cada vez mais expandido, e que os idosos que escolherem a tarefa de amar possam deixar laços sociais e marcas de esperança por onde passarem. Busca-se também, um diálogo interdisciplinar que possa contribuir e somar procedimentos terapêuticos e espirituais que ajudem na responsabilidade social, no compromisso ético, na solidariedade, resiliência e longevidade. Assim, falar de envelhecimento é incluir também a troca de hábitos consumistas, e optar por sua verdade interior.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O melhor de Rubem Alves**. LAGO, SAMUEL RAMOS (org.). 3. ed. Curitiba: Editora Nossa Cultura, 2014a. 368p.

ALVES, Rubem. **O que é religião?** 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b. 131 p.

AMATUZZI, Mauro Martins (org.). **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005. 239 p.

AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução Alexandre Correia. 2017. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>. Acesso em: 5 out. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Tradução João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1997. 349 p. (Coleção Ethos).

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Tradução Edgar Orth. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 94 p.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 296 p.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BUNYAN, John. **O Peregrino**. Tradução Claudio Blanc. São Paulo: Jardim dos Livros, 2019. 224 p.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O fenômeno humano**. São Paulo: Editora Cultrix, 1986. Disponível em: <https://portalconservador.com/livros/Pierre-Teilhard-de-Chardin-O-Fenomeno-Humano.pdf>. Acesso em: 7 out. 2019.

CORTELLA, Mario Sergio. **Viver em paz para morrer em paz: se você não existisse, que falta faria?** 1. ed. São Paulo: Planeta, 2017. 175 p.

CORTELLA, Mario Sergio. **Filosofia: e nós com isso?** Petrópolis: Vozes, 2019. 134 p.

CRUZ, Fabio. *In*: **ARETÉ: A arte como virtude**. SESC – SP ITAQUERA: catálogo. São Paulo, 2005. Apoio Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente.

CULLIFORD, Larry. **A psicologia da espiritualidade: o estudo do equilíbrio entre mente e espírito**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional Ltda., 2015. 303 p.

EVANS, Brad; REID, Julian. **Una vida en resiliência: El arte de vivir en peligro**. Tradução Victor Altamirano. México: FCE, 2016. 269 p.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 339 p.

FÓZ, Adriana. **Frustração: como treinar suas competências emocionais para enfrentar os desafios da vida pessoal e profissional**, São Paulo: Benvirá, 2019. 272 p.

FRANCISCO, Papa. **Quem sou eu para julgar?** Editado por Anna Maria Foli; Tradução Clara A. Colotto. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

FRANCO, Divaldo. **Espelhos da alma: uma jornada terapêutica**. 1. Ed. Núcleo de Estudos Psicológicos Joanna de Ângelis. Salvador, BA: LEAL, 2019. 352p.

GEISLER, Norman L. **Ética cristã: opções e questões contemporâneas**. Tradução Alexandros Meimaridis e Djair Dias filho. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010. 524 p.

GOLDENBERG, Mirian. **Velho é lindo!** 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 280 p.

GRAHAM, Billy. **A razão da minha esperança: salvação**. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil. 2018. 272 p.

HACK, Olga; LOUREIRO, Altair M. L. A paisagem mental de um grupo de idosos: histórias de vida e o AT-9. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 13, n. 1, p. 105-131, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/4865>. Acesso em: 10 out. 2019.

HOCK, Klaus. **Introdução à ciência da Religião**. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas. 2010. 268 p.

KELLER, Timothy. **Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento**. Tradução Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2016. 344 p.

LELOUP, Jean-Yves. **A sabedoria que cura**. Tradução Karin Andrea de Guise. Petrópolis: Vozes, 2018. 204 p.

LEWIS, Clive Staples. **Ética para viver melhor: diferentes atitudes para agir corretamente**. Tradução Claudia Ziller. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2017. 254 p.

MARQUES, Luciana Fernandes. Desafios da Integração da Espiritualidade no Ensino Superior. *In*: FREITAS, Marta Helena de; PAIVA Geraldo José de; MORAES, Celia de (org.). **Psicologia da religião no mundo ocidental contemporâneo: desafios da interdisciplinaridade**. Brasília: EdUCB, 2013. 447 p. 2 v.

MARY, André. **Os antropólogos e a religião**. Tradução Lúcia Mathilde Endich Orth. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

NUNES, João Arnaldo. O Estudo dos Fenômenos Mediúnicos na Terapia de Vida Passada. *In*: SAMPAIO, Dilaine Soares; Gonçalves, Iracilda Cavalcante de Freias (org). **Religiões afro-brasileiras & espiritismo: diálogos e interlocuções**. João Pessoa: Editora da UFPB. 2015. 164 p.

PAIVA, Mauro César. Imaginário do Paciente Cristão na Abordagem Integradora. *In*: CAVALCANTI, Carlos André; CAVALCANTI, Ana Paulo (org). **O que se vê nas religiões?** Textos do Videlicet. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. 388 p.

PALMER, Michael. **Freud e Jung: sobre a religião**. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 269 p.

PASSOS, João Décio; USARKI, Frank (org). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013. 703 p.

TERRA, Newton Luiz; DORNELLES, Beatriz (org). **Envelhecimento bem-sucedido**. Programa Geron, PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

THE RISE OF LOWSUMERISM. [S. l.: s. n.], 2015? 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Box 1824. Disponível em: <http://yogui.co/voce-sabe-o-que-e-lowsumerism-conheca-essa-nova-conscientizacao-sobre-o-consumo/> . Acesso em: 12 out. 2019.

TONIOL, Rodrigo. Espiritualidade que faz bem. Pesquisas, políticas públicas e práticas clínicas pela promoção da espiritualidade como saúde. **Revista Sociedad y Religión**, v. 25, n. 43, p. 110-143, 2015. Disponível em: <http://www.ceil-conicet.gov.ar/ojs/index.php/sociedadreligion/article/view/6/2>. Acesso em: 15 set. 2019.

TUTU, Desmond. **Deus não é Cristão**. Tradução Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012. 234 p.

VAZ. Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia V: Introdução à Ética Filosófica 2**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000. 246 p.

WOLF, Elias. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso**: contribuições na perspectiva cristã. São Paulo: Paulinas, 2016. 182 p.